



# O DESPERTAR

BOLETIM DO MOVIMENTO  
DE REVIGORAÇÃO DA IGREJA

Redactor :  
L. R. PEREIRA

Redacção :  
R. das Janelas Verdes, 32-2.º - LISBOA

Composição e Impressão :  
Emp. Téc. de Tipografia, Lda. — V. F. Xira

## EDITORIAL

**N**ÃO é demais insistir: a Igreja Lusitana tem de conhecer-se a si mesma; os seus filhos têm de saber o que ela é. Sob as formas externas nas quais o povo vê a nota que nos distingue das outras comunidades religiosas dissidentes da Igreja Romana, há um elemento essencial que dá à nossa Igreja a sua posição **única** no cenário eclesiástico português.

O que, substancialmente, nos distingue de presbiterianos, metodistas, baptistas, ou outros grupos de respeitáveis cristãos, não é a nossa liturgia, que muitos deles desdenham, ou a nossa disciplina, que outros tantos invejam, mas uma obediência e uma *fé diferentes*. Com simplicidade e coragem havemos de sustentar este ponto, rogando, como já fizemos no primeiro número do nosso jornal, que ninguém estranhe em nós uma humilde coerência connosco mesmos.

A Igreja Lusitana não é uma associação de indivíduos que, desde mil oitocentos e tal, concordam em se separar de Roma trazendo consigo, ainda, uma sensível parcela de *romanismo*, como certos dizem de nós. Não, *Igreja Lusitana* é o nome de um *movimento organizado* de reforma da Igreja Católica Portuguesa que se encontra transviada.

Quando confessamos «*Creio na Santa Igreja Católica*,» não dizemos crer na união abstracta e irreal de todos os cris-

tãos do mundo; afirmamos, sim, a nossa fé na Igreja histórica, aquela que, em face das primeiras heresias, a si mesma se chamou *Católica*. A essa Igreja, movidos por essa crença fundamental, nos guardamos obedientes. Cremos nela, na sua essência divina, na sua inabalável estrutura sagrada. E temos boas razões para crer: a nossa própria existência *dentro* da Igreja Católica, o nosso obediente grito de reforma, provam-nos que o Santo Espírito não abandona a Igreja. *Creio no Espírito Santo, Na Santa Igreja Católica*.

Evidentemente que respeitamos o esforço honesto de tantos irmãos protestantes. Com certeza que falamos, com eles, uma linguagem temperada pelas influências salutares da Bíblia aberta sob a Graça iluminante de Deus; sem dúvida que nos colocamos ao seu lado, com todas as forças da nossa alma, para defender os sagrados direitos da liberdade de consciência; mas, nem por tudo isto, podemos abdicar duma parcela essencial da nossa fé, a crença na Igreja Católica, a Igreja histórica. Aqui, estamos com Ortodoxos, Anglicanos, Escandinavos e Romanos.

No momento, porém, em que descobrimos, com clareza, qual a essência da Igreja Lusitana, uma onda de vergonha



## Ser ou não ser...

Quando, após o lapidar de santo Estêvão, primeiro mártir da Fé e, não menos da disciplina, os conversos a JESUS CRISTO, se sentiram constringidos à dispersão, alguns deles, de Jerusalém, passaram a Antioquia da Siria, onde veio a organizar-se a primeira Igreja gentilica, como durante um ano de abençoado evangelismo por Barnabé e Paulo os neo-convertidos começaram a ser alcunhados de *cristãos*.

Nem sempre se compreende que um mal precede um bem. Se os *cristãos* de Antioquia, não tivessem sido alcunhados, em virtude do seu *crer e viver*, hoje, multidões em razão do seu Baptismo, não usariam a mesma denominação para *fin-gir ou ser* aquilo que os outros não querem ser.

Ora sem *cristãos*, à era apostólica, não teria sucedido a era missionária da Cruz, tornada universal, não para facções que quizeram *dividir* ou *ampliar* a doutrina e pessoa de JESUS, mas para aquela que ortodoxamente se uniu para *crer e viver* CRISTO. A esta união, porque, procurou e procura atingir os fins da Terra, se passou a chamar *católica*, sem lhe designar sede única, ou outra Cabeça, que não seja AQUELE MESTRE que a acompanhará até à consumação dos séculos.

Acontece, porém, que já de longe se vem manifestando entre os *cristãos* certa repugnância pelas expressões *Igreja Católica* ou simplesmente *Ca-*

nos domina: nós deixámos de ser um grupo reformador e ficámos satisfeitos com a nossa estagnada condição de reformados.

Importa que nos re-descobramos; importa encontrar de novo a nossa razão de ser, de *crer e lutar*. Existíamos em função da reforma da Igreja Católica Portuguesa, pudéssemos, ou não, realizá-la facilmente e esquecemos essa função vital. Por isso nos vamos mirrando, de costas voltadas para o objecto do nosso primeiro amor.

\* \* \*

A Páscoa já aí vem, símbolo gorgear da Ressurreição. Cantemos aleluias. Há um dinamismo na Igreja que o mundo não conhece, a Vida de Jesus Ressuscitado. Cre-mos no poder indomável dessa vida. Cre-mos que ela nos impele, que ela acorda sentimentos de amor nas nossas almas. Cre-mos que ela é a energia sagrada da reforma, da ressurreição perene da Santa Igreja Católica.

Daniel de Pina Cabral

*lólico*, isto pela infiltração e absorção de um dos ramos da Igreja Universal, aquele ramo que levou muitos *cristãos* a riscarem no último censo populacional a palavra *católico* para não engrossarem as fileiras, das quais o seu puritanismo, os levou a afastarem-se.

Esta esporádica anomalia, nada tem que ver, nem deve alimentar a repugnância referida. Se não nos ofende a alcunha de *cristãos*, porque nos há de repugnar o título de *católicos*, quando, os dois adjec-tivos mutuamente se completam, e exprimem exacta finalidade? Logo, «ser ou não ser eis a questão».

Mais: o Cristianismo foi restricto a um povo? Não. Ao «*Ide por todo o mundo*», tomou a direc-triz católica, ou universal como é seu significado. Pode, medo ou preconceito, reafirmar a concepção dos pais samaritanos dividindo a adoração a DEUS neste ou naquele monte? Muito menos. JESUS destruiu essa concepção à qual hoje se chamaria facciosismo, proclamando DEUS, Espírito.

Desta maneira a incontroversa proclamação de JESUS, universaliza a Sua Igreja e, esta veio a definir-se por *Católica*, termo que se tornou comum e a define. Assim a Igreja Lusitana, define-se por *Lusitana Católica*, note-se bem, *define-se, não se exhibe*. Para que não se exhiba ou a venham a exhibir, como *Lusitana* vincula a sua nacionalidade, como *Católica* a sua comunhão com todos os troncos da Igreja Universal. Tam-bém para que não surjam dúvidas acerca da auto-toridade da sua *Disciplina e Obediência cristã*, declara-se *Apostólica Evangélica*, sendo, indubi-tavelmente, basilar o restauro dos seus *direitos e princípios*, uma vez que não precisa de acrescentar nada ao seu valor espiritual.

Diante de tudo isto, que dúvida, medo ou ver-gonha devem ter os membros das nossas congregações em definir-se como *católicos*? Bem sabe-mos que o excesso de puritanismo nos considera formalistas ou inconversos. Que nos importa a nós a água que corre para o mar da presunção? De uma coisa temos a certeza: O Ano Eclesiástico com o Advento, o Natal, a Circunsição, a Epifania, até à Quaresma, vinculou-nos o alto grau espiri-tual do Nascimento do Messias prometido; apre-sentou-nos um Sacerdote, Vítima e Rei, digno de adoração, avisou-nos que nem só de pão vive o homem e que só ao Senhor devemos adorar. Agora, põe-nos diante duma única oblação salvadora, afir-ma-nos a Ressurreição para o eterno Porvir e le-var-nos-á a um Pentecoste que não deixa a huma-nidade orfã e nos colocará diante duma Trindade, una e indivisível a quem sòmente deveremos pres-tar o culto dos nossos corpos e almas.

Que mais precisa o Cristão católico luso? Seguir seu caminho de olhos muito desviados da terra, mas muito perscrutadores do céu.

A. Pereira Araújo



## 20.º Aniversário do Grupo Coral

### « PRÓ MUSICA SACRA »

Há 20 anos, precisamente, um núcleo de jovens da Igreja de S. Paulo, resolveu organizar, não um simples còro de Igreja no sentido restrito da palavra, com a função única de, melhor ou peor, ajudar a cantar os hinos durante os cultos e, uma vez ou outra, em dia de festa, improvisar umas antífonas, não êsse simples còro, mas algo de mais aperfeiçoa-

objectivo a que se propuzeram êstes jovens da Igreja de S. Paulo, a perfeição da música coral nas nossas Igrejas e a sua permanência nos cultos, têm todayia a satisfação de poderem declarar que existem, que tiveram uma continuidade de esforços nunca interrompidos, que se fizeram conhecer no mundo não evangélico e obtiveram dêstes estranhos as



O Grupo «Pró Música Sacra» num dos seus concertos

do, que, não descurando o objectivo principal mas antes pelo contrário para que o pudesse fazer melhor, cultivasse a música, ordenadamente, disciplinadamente, elevando o seu conhecimento e o nível da técnica coral. Uma verdadeira escola de Música Sacra—uma verdadeira escola de Arte.

Passados estes 20 anos, apesar de ainda se estar longe, bastante longe, do

melhores palavras de estímulo, de compreensão pelo seu trabalho, de apreço pelo seu esforço de cultura. A atestar as boas referências, nos grandes periódicos da capital dos nossos melhores musicólogos: Luiz de Freitas Branco, Francine Benoit, Nogueira de Brito, Silveira Pais, António José Pereira, João de Freitas Branco, Humberto d'Ávila, etc.

Os concertos de Sábado Santo foram



sempre distinguidos, pela elevação dos seus programas, pelo conjunto harmonioso do grupo coral, pela categoria dos solistas convidados a participar. Os melhores artistas portugueses têm-se apresentado nesses concertos: os violinistas Luiz Barbosa e Joaquim de Carvalho, os violoncelistas Felipe Loriente e Henrique Fernandes, a harpista Arlinda da Silva Borges, os organistas Luiz Alagarrim e António de Melo, as cantoras Maria Isabel de Almeida Moreira e Idalina Fragata Leite Pinto, o flautista Louis Boulton, etc.

«Êstes concertos», dizia Silveira Pais em 1946, «não são concertos no sentido vulgar, são comunicados com o espírito do bem, do belo e da elevação da alma humana feitos em linguagem musical» — E sobre a execução coral, «O exercício deste agrupamento coral durante muitos anos sob a regência de Leopoldo de Figueiredo, e as faculdades religiosas dos seus componentes, fizeram já atingir o sublime musical. Uma direcção artística inteligente, culta e apaixonada e os fenómenos da psicologia religiosa envolvente dos executantes, não são primores comuns a quaisquer agrupamentos corais, por muitos recursos técnicos de que possam dispor. A penetração no abstrato da expressão musical, não é um formalismo da escola de canto, mas uma disciplina de Alma e de Acção, que por prática inconsciente, empirica mesmo, faz realçar da música o que ela contém de humano deificado, colocando os ritmos e os sons fora do frívolo sensual e pagão».

Além dos concertos da música sacra de Sábado Santo, do Natal e de outras ocasiões festivas na Igreja de S. Paulo, o grupo, em 1935, cantou no I Congresso da J. E. P. realizado em Lisboa, no Cinema Europa, perante congressistas de Portugal e Espanha, por duas vezes na Emissora Nacional, na Igreja do Espírito Santo, em Setubal, na Igreja Evangélica de Vila Franca de Xira, na Igreja In-

glesa de S. Jorge e em outras Igrejas locais. Não foram esquecidas também as comemorações centenárias em 1940, que marcaram datas históricas da nacionalidade portuguesa, e com as quais contribuiu, realizando um concerto só com música portuguesa em que se destacaram a dos nossos polifonistas das escolas setecentistas de Évora, Vila Viçosa e Coimbra.

Realizaram-se também, nem sempre com a frequência que era para desejar, conferências de divulgação musical feitas por distintos ensaístas do nosso meio literário e artístico.

O grupo não teve sempre o nome que hoje tem. Quando se fundou foi com o nome de Còro Evangélico Lusitano — Cerca de 1942 tomou o nome de Grupo Coral Esforço Cristão, o foi só em 1948 que resolveu adoptar o nome que presentemente tem de Grupo Coral Pró Música Sacra, que evidencia bem o seu desejo de cultivar a música que possa ajudar a elevação de almas, em unidade com a liturgia da Igreja, nos cultos devocionais das nossas congregações.

Que Deus abençõe este punhado de jovens nos seus propósitos, são os votos da MoRI, no seu 20.º aniversário.

Parabens, pois, muitos parabens!

## Oração do Cantor

*«É bom dar graças ao Senhor:*

*E cantar louvores ao Teu nome, ó Altíssimo»*

ABENÇOA-NOS, ó Senhor, a nós Teus servos que ministramos no Teu Templo. Concede que tudo quanto cantarmos com os lábios possamos crê-lo com o coração. E, o que crermos com o coração, que possamos manifestá-lo nas nossas vidas; mediante Jesus Cristo nosso Senhor.

*Amen.*



# ECOS DE UM JUBILEU

O 75.º Aniversário da Congregação de S. Paulo, Lisboa

## COMO NA ESTRADA DE DAMASCO

A meio da estrada, leitor irmão, olha para trás e olha para diante. Assim ficou São Paulo, simbolicamente, olhando para o mal que fizera à Igreja de Deus e para o bem que lhe queria fazer; para a estreiteza farisaica antiga e para a largueza cristã do novo rumo.

Nós também, ao festejarmos a «Conversão de São Paulo», ocorrida há exactamente dezanove séculos, comemorando igualmente os setenta e cinco breves anos de vida da nossa Igreja, consideramos a série de conversões que a este successo se ligam — conversões de almas, de pensamentos, de processos de vida, e do próprio templo carmelita onde hoje servimos o Deus de todos, «Pai nosso que está nos Céus».

Este fenómeno espiritual tão misterioso na sua origem e tão natural nos seus efeitos, tão prodigioso na sua marcha e tão singelo na sua expressão, a *Conversão*, é de certo modo um duplo olhar que só se realiza num acto de fé: olhar para a Rocha de onde fomos cortados (Isaías 51:1) e olhar para o Autor e Consumador da Fé (Hebreus 12:2) dessa Fé maravilhosa, Fé que se opõe ao olhar, pois é a «substância de aquilo que não aparece».

E' duma visão interior que se trata, ajudada pela consideração do que passou e do que há de vir. Por isso nós gostaríamos de, como Paulo, lembrar o momento em que Jesus nos falou, e antecipar a vinda do glorioso Salvador.

Bom exercício será este na actual comemoração.

## QUE VEM A SER COMEMORAÇÃO JUBILAR?

Para os Judeus o ano que vinha no termo de sete vezes sete anos, ou seja o quinquagésimo,

era um tempo de liberdade e de santidade, de regresso à posse perdida e de trato fraternal pela justiça praticada. Vê-se isso em Levítico, cap. 25. O nome Jubileu, que se lhe dá, vinha da trombeta com que era anunciado. Os cristãos antigos imitaram de certo modo este costume, mas diminuíram para metade o período intercalar. E é hábito comemorar com maior entusiasmo do que os simples aniversários os sucessivos períodos de 25 anos. O nosso é um triplo jubileu, as três quartas partes de um século. Quem festejará o centenário? Em que mundo e com que homens? Só Deus o sabe. Concorramos desde já para essa alegre comemoração futura.

## QUE REPRESENTAM ESTES 75 ANOS?

Estes 75 anos de vida da Igreja representam tantas possibilidades, tantas esperanças, tan-

tas desilusões e fracassos, tantas conquistas e triunfos, no encontro recíproco de quatro gerações! E' assim que se criam tradições amadas, se reconhecem deveres especiais, se gisam planos, se organizam *equipes*. Assim se forma um ambiente próprio ao avanço indispensável para viver. Porque, como bem sabeis, parar é morrer! Pereira, Sousa, Torres, Figueiredo, Ribeiro, Moreira, — seis ministros sucessivos, dando os cinco anteriores ao actual uma boa média de quinze anos por ministério. Albuquerque, Baudouins, Camelos, Chaves, Figueiredos, Linos, Matas, Pastorias, Pires, Santa-Ritas, quantas famílias tradicionalmente ligadas, vinculadas à Igreja pelos que «dormiram no Senhor» e pelos que vão abrindo os olhos à luz...



**QUE É  
«COMEMORAR»?**

Recordando a Obra admirável da Escola Lusitana, nos 50 anos de acção da sua professora e actual directora; o precioso contributo do Grupo n.º 53 de Escoteiros de Portugal, que tem trazido ao Testemunho e à Comunhão tantos garbosos rapazes; lançando os olhos para o futuro, cheios de esperança na A. R. C. e na Sociedade de Senhoras e nas actividades juvenis espirituais, queremos «comemorar»; e isso significa — ligar a memória a qualquer coisa de concreto e de perdurável. Nada podemos agora inaugurar, mas podemos iniciar o «Fundo da Comemoração Jubilar». Será um esforço que poderemos tornar grande, com o auxílio de Deus, destinando-o à fábrica do templo e suas dependências, onde tanto se necessita: reparações urgentes, reforma do sistema de iluminação, substituição da Pia Baptismal, abertura do Còro da Igreja, decoração sóbria e singela mas dentro do estilo do templo seiscentista...

**VOLTANDO  
ÀS CONVERSÕES**

A «Conversão de S. Paulo», que se festeja neste momento, leva-nos de novo a imaginação para as conversões que cimentaram a nossa Obra, desde a humilde sede no desaparecido largo das Duas Companhias, por detrás da Moeda, há setenta e cinco anos; para a conversão do templo dos «Marianos», num templo reformado, vai para oitenta anos, e por fim na nossa casa comum, quando a Igreja Presbiteriana no-la cedeu, passando para a Rua da Arriaga.

**CONTINUEMOS  
O QUE OUTROS  
FIZERAM**

As ruínas que a egressão dos frades, em 1834, veio a provocar, assim como o aluguer durante dezenas de anos, a pequenas in-

dústrias, das dependências do edifício, foram-se pouco a pouco reparando, com sucessivos planos parcelares e por vários subsídios intermitentes. Entre os beneméritos poder-se-ão citar a escritora ilustre que foi Lady Cook, Viscondessa de Monserrate; a Viscondessa de Carnide; a Baroneza de Howorth de Sacavém e muitos outros. Em memória do Cónego Dr. Pope, se revestiu de mármore o àbside, por iniciativa de vários amigos do saudoso extinto. Continuemos honrando a memória dos amigos de outrora, e reconstruamos, e melhoremos!

**AS CRIANÇAS  
PARA A IGREJA;  
A IGREJA PARA  
AS CRIANÇAS**

Se os templos se fazem com pedras, as igrejas fazem-se com almas. E buscando almas não deveremos nós começar pelos nossos filhos? Não são eles que nos hão de continuar? Não deveremos nós formar neles o caracter cristão que seja o expoente das doutrinas que felizmente seguimos?

Os nossos filhos são já membros da Igreja, ainda que isto doa a quem não sabe ler a sua Bíblia. Não estão no registo dos comungantes, mas devem estar noutro registo que no-los recorde, para serem lembrados com carinho nas actividades da Igreja. Por isso inaugurámos o «Album dos Filhos da Igreja», com seus retratos e informes de identificação. As mães trouxeram 24 filhos, e nem todas o puderam fazer no dia que se lhes marcou para tal. Isto foi um início que há de ir longe, se Deus quiser. Assim combatemos o individualismo exagerado que tem afligido a Igreja de Deus. Tornemos a Igreja amada das crianças e as crianças amadas da Igreja, e veremos frutos óptimos no futuro.

Avante, pois!

*Eduardo Moreira*



## Meditação!

*Senhor, tem piedade de nós!*

*Fizeste, à Igreja reunida em Teu nome, promessas dum incalculável alcance, mas nós não as conhecemos. Os nossos cultos estão frios, a Igreja está fraca, porque o pecado fecha os nossos corações e a nossa passividade apaga o Espírito.*

*Infelizes de nós, mornos, porque seremos vomitados da Tua boca!*

*Vimos à Igreja mas não estamos na Igreja. Estamos reunidos para orar a Ti e não oramos. Estamos reunidos por causa da nossa fé e não temos a verdadeira fé. Estamos neste templo para Te contemplar, mas os nossos corações estão distraídos; para ouvir a Tua voz, mas não Te sabemos escutar. Estamos reunidos; mas não estamos unidos na comunhão fraternal. Tu pedes que Te adoremos em espírito e verdade: e nós não sabemos nem adorar nem obedecer ao Espírito...*

*Mal de mim se eu digo «Senhor! Senhor!» e não faço a Tua vontade!*

*Mal de mim se, estando na Tua presença, ó Deus santo, não confesso o meu pecado e o do Teu Povo, com verdadeiro arrependimento e sincera vontade de o abandonar.*

*Mal de mim se, ao escutar a Tua Palavra, não me deixo dominar e transformar por ela.*

*Mal de mim se dou parcimoniosamente do meu supérfluo, e se não Te dou o meu coração todo inteiro!*

*E por isso, ó Deus, nós Te suplicamos, abre os nossos corações e vivifica este culto e todos os cultos que Te são rendidos neste dia.*

*Tal como as asas dum moinho estendidas para o céu, oferecidas à acção poderosa do vento para que possa ser moído o grão, nós nos oferecemos a Ti para que o sopro do Teu Espírito*

## SEMANA SANTA

Nada ajudará tanto o leitor a **viver** espiritualmente esta Semana, como o seguir, com oração, as leituras para ela indicadas no Calendário publicado pelo MoRI. Não deixe de o fazer. Verá como as lições do V. Testamento, pelo seu sentido profético, constituirão aquele fundo, em que o Divino protagonista do Calvário (que as lições do N. Testamento nos apresentam), nos aparece com nitidez e realidade assombrosas. Os vários Salmos apontados, são como que a glosa poética, duma poesia de inspiração divina, do que ia na alma de nosso Senhor, durante aqueles tremendos dias em que se cumpriu o que acerca dEle estava escrito.

Siga o nosso conselho! Verá como vai apreciar muito melhor os Cultos a que vai assistir na Igreja e como irá assim muito melhor preparado para a sua Comunhão Pascal.



A Redacção, espera de cada leitor deste numero, uma oferta não inferior a 1\$00, para o fundo de publicações do MoRI.

*actue em nós; que Ele sacuda os nossos entorpecimentos, que Ele despedace a dureza dos nossos corações e que nada em nós ponha obstáculo ao espírito de intercessão, à fé e ao amor que Tu queres espalhar hoje sobre nós.*

*Em nome do Teu Filho bem amado. Amen.*

(De «Le Temps de l'Eglise»)



# PELA IGREJA

Na paróquia de S. João Evangelista (V. N. de Gaja), deu-se um facto invulgar; Um casal recebeu, duma vez só, três filhos. São pobres e já tinham quatro. Imagine-se a confusão... Porém, á voz carinhosa do Pastor, o rebanho uniu-se, e nada lhes falta de essencial, graças a Deus!

“ ”

Na Igreja de S. João Evangelista celebra-se a sagrada Eucaristia nos segundos e quartos Domingos de cada mês, ás 8,45 da manhã. Tem-se mantido uma média pouco numerosa de comungantes, mas suficiente para mostrar que aquela celebração matinal, simples, sem hinos nem sermão, é apreciada.

“ ”

Na Igreja de S. Paulo, de Lisboa, no dia de Sto. André, houve também uma celebração eucarística ás 8 da manhã para que pudessem comungar nesse dia aqueles que depois tinham de seguir para as suas ocupações. O numero de comungantes e a benção que manifestaram ter experimentado, animaram a fazer identica celebração no dia da festa da Conversão de S. Paulo, dia em que se celebrava o 75.º aniversário daquela Congregação. Apesar de ser tão cedo e da manhã não estar nada convidativa, o numero de comungantes foi **duplo** do da celebração anterior. é superior a metade do numero **médio** dos que costumam comungar no 1.º Domingo do mês,

As comemorações feitas por ocasião das «Bodas de Diamante» da Congregação de S. Paulo, constaram duma série de Conferencias de evangelização sobre «Conversão», da celebração Eucarística já mencionada e, de «Vesperas» solenes, sermão e «Te Deum». Estes ultimos ás 21 horas do dia 25 de Janeiro, constituíram o Culto Magno das comemorações. O templo encontrava-se completamente cheio e

altura das suas tradições, fez-se ouvir em varios hinos e antífonas e contribuiu imenso para o bom êxito daquele inspirador Serviço divino.

Nesse Culto de acção de graças, foi Presbítero oficiante, um **médico** (o redactor deste boletim); ao orgão e na regencia do Grupo Coral, esteve um **médico**, o Dr. Leopoldo de Figueiredo, sendo da sua autoria algumas das musicas cantadas, como as dos «resposos», do «Nunc dimittis» e do «Kyrie» do officio litúrgico, e outras; antes do sermão prégado pelo Pároco, Rev. E. Moreira, foi por este lida a carta do Rev. Presidente do Sinodo, em que declarava nomeados «deitores liturgicos» (ordem criada pelo Sinodo de 1950) sete membros da Congregação de S. Paulo, entre eles um **médico**, o Dr. Aires da Silva.

“ ”

Ainda como comemoração deste 75.º aniversário, foi criado, por iniciativa do Ministro, um fundo que se denomina «Fundo do Jubileu» e que se destina a varias obras na Igreja de S. Paulo, como modificação da iluminação, aquisição de nova Pia baptismal, etc. Já está em 9.040\$.

Todos terão interesse em saber que de 1949 para 1950, na Igreja de S. Paulo, as colectas tiveram um aumento de 14 % e as contribuições regulares, 82 %.

Vem a propósito o sabio comentário attribuído a esse santo varão que se chamou Diogo Cassels: «Quando a Religião chega á algibeira, é bom sinal».

## Cristão da Igreja Lusitana!

Como **Evangélico** que és, tens o dever moral de ter regularmente a tua Bíblia. Como **católico** que tens o privilégio de ser, deves **ler a Biblia com a Igreja** que foi quem poz a Biblia nas tuas mãos. Adquire um Calendário do MoRI, o qual